

APRESENTAÇÃO

Associar os termos poesia e performance parece ser uma necessidade tanto para a reflexão teórica sobre poesia contemporânea quanto, em alguma medida, para os próprios poetas. Poemas escritos que expõem o seu processo, poemas vocalizados, poemas encenados ou filmados, poemas que saem definitivamente do papel e permanecem sem registro, poemas que questionam a supremacia do texto escrito povoam as produções contemporâneas. Arranjos de linguagem atravessados por respirações, gestos, corpos obrigam a pergunta: com que se faz o poema? E, ainda, a associação entre poesia e performance fala a respeito de um contato entre práticas artísticas diferentes, chamando a atenção para os limites instáveis de cada uma dessas artes, ou instituições? Ou fala a respeito de uma condição inerente à própria poesia, condição performática que o grafocentrismo teria, em certa medida, recalcado?

Jean-Luc Nancy, neste sentido, diz que “a poesia é mais do que e algo diferente da própria poesia”, perspectiva que localiza o poema em um lugar de encontro e atrito de linguagens. A performance seria uma dimensão – geralmente associada a uma prática artística em particular, a “arte performática”, mas que parece excedê-la – que, entre outras coisas, coloca em tensão a própria ideia de arquivo, na medida em que se encontra entre acontecimento e registro. Sujeita a processos de historicização e teorização bem mais recentes, a reflexão sobre performance se faz no cruzamento de saberes diversos, tanto que Richard Schechner diz que “os estudos de performance começam onde o domínio máximo das disciplinas termina”.

Foi pensando nestes lugares de instabilidade poética-teórica-crítica que se organizou o presente número da revista *eLyra*. E por ter a instabilidade como ponto de partida, acreditamos que o melhor modo de abri-lo seria colocar a dimensão performática em evidência. Assim, a primeira seção, “Modos de performar”, nos traz o pequeno e contundente texto de Sônia Baptista, que encena o problema do acontecimento e das suas possibilidades de arquivamento. Numa pesquisa semelhante, entre a presença e a espectralidade, entre a lembrança e o presente, entre a construção e a ruína, Marília Garcia performa e problematiza o próprio fazer num vídeo, texto, apresentação. O texto do poeta-além-do-texto, Chacal, escolhe falar de “trabalho” em lugar do produto pronto. Em clima parecido, mas com outros materiais, Carlos Augusto de Lima trabalha divertindo-se em algum lugar depois do poema e depois do jogo. Em outro tom, a performance se expõe no depoimento do próprio autor sobre o processo de escrita do livro *Sessão*, de Roy David Frankel, que recupera e maneja os discursos públicos feitos durante a votação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados brasileira. Bruna Beber nos permite acessar de forma direta os poemas de *Ladainha*, inseparáveis já da sua dimensão rítmica, corporal, efêmera. Encerrando a seção, Tatiana Pequeno – poeta, professora, pesquisadora e militante – propõe uma ação/reflexão sobre “a relação entre o desvelamento do silêncio e o caminho para a performance enquanto possibilidade de encontros entre ativismo político, autobiografia, cultura popular e um certo ritual de body art”, abordando eventos “literários” em que o corpo se torna uma plataforma política.

A esses “Modos de performar”, seguem outros – na seção “Artigos” –, já que, em certa medida, eles não deixam de ser também modos pelos quais a crítica se mostra enquanto se faz. O primeiro ensaio, de Alexandre Nodari, especula teoricamente em torno do conceito de *quase-evento*, que procura tangenciar a definição de uma ontologia da experiência literária, e não dos seus objetos, na sua aproximação ou contraste com a realidade. Em seguida, em outra perspectiva, Danilo Bueno aproxima a escrita poética do jogo, do ritual, da dimensão comunitária, como entenderia Caillois, a partir da reflexão sobre o cadáver esquisito surrealista.

Outros textos nos permitem mergulhar na já instalada instabilidade disciplinar propiciada pela performance. Uma reflexão sobre a música e sua relação com a letra,

aparece no caso do texto de Alexandre Costa, enquanto que, indo além, Annita Costa Malufe e Sílvio Ferraz tocam na questão da voz, cara ao pensamento francês contemporâneo, tanto na poesia de C. Tarkos quanto nas composições de Georges Aperghis. No caso do texto de Livia Bertges, Natália Salomé de Souza e Vinícius Pereira, as reflexões sobre uma “performance visual” levam a própria ideia de poesia ao limite, afastando-se da legibilidade, ponto central também na análise que faz Rafaela Scardino da obra de Nuno Ramos. Em todo caso, pensar a performance implica pensar o processo, como se entende no texto de Danielle Almeida.

Outro dos traços que a exploração da noção de performance coloca em jogo de forma contundente é o da “construção” do sujeito – colocando em atrito as noções de sujeito poético, voz, poeta e corpo. Neste sentido, de modos muito diversos, Deyse dos Santos Moreira e Fábio Leonel de Paiva abordam o sujeito em Chico Alvim, enquanto Tiago Cfer precisa de um alargamento da reflexão para comportar as diversas dimensões – onde o corpo se mostraria como uma continuidade e um excesso em relação ao texto – da produção do poeta e professor Mauricio Salles Vasconcelos. Já Inês Cardoso aborda a incontornável questão do corpo e a construção e problematização de um sujeito plural – nunca apenas textual – na obra de Alberto Pimenta. Mariana Patrício, por sua vez, se debruça nos diários de Maura Lopes Cançado e Carolina Maria de Jesus permitindo ainda traçar – a partir da necessidade teórica de interrogar e colocar em contato vida e escrita, corpo e texto, autor e leitor – uma ponte entre textualidades e subjetividades muito diferentes.

Encerrando a seção, questiona-se também acerca da relação com o teatro. Se a performance – a condição eventual e corporal – é uma dimensão indiscutível do teatro, ainda cabe o questionamento quanto à relação entre texto e cena, relação que Lígia Souza de Oliveira, chamará de falsa oposição.

Para finalizar, trazemos as resenhas de dois livros centrais para refletir a questão da performance no nosso tempo. Danilo Diógenes lê o livro *Sessão*, de Roy David Frankel, conjunto de poemas que – no limite entre o procedimento da colagem e a resposta a um dado político urgente – busca redimensionar as relações entre literatura e engajamento. Já a resenha escrita por Carolina Anglada do livro *A máquina performática* (2017), dos pesquisadores argentinos Mario Cámara e Gonzalo Aguilar, publicado na coleção

EntreCríticas, organizada por Paloma Vidal, propõe observar a operação que os autores chamam de “máquina performática”, um complexo acontecimento – um campo experimental – no qual a literatura entra num jogo com elementos muitas vezes irrecuperáveis: gestos, cheiros, sons, movimentos, corpos.

Gestos, cheiros, sons, movimentos, corpos já inapreensíveis, atravessam este número de *e-lyra*, atravessam o pensamento crítico, atravessam a poesia de forma determinante.

Por falar em atravessar, a imagem que ocupa a capa deste número é de Ana Carvalho (Porto, 1952) e integra a série *On the ground* (<http://www.anacarvalho.nl/themes/#/on-the-ground/>) em que a fotógrafa lê as superfícies não como esconderijo de algo que está por trás, mas como lugar onde as coisas se dão, onde as inscrevemos e deixamos que elas caiam. Escolhemos esta foto, pois vimos nela uma espécie de convite aos leitores da revista, como se ela desser a ver um encontro entre poesia e performance, encontro no qual – parafraseando o trecho de Nancy citado há pouco – o corpo é mais do que e algo diferente do próprio corpo.

Leonardo Gandolfi

Luciana di Leone